

CRISE DIPLOMÁTICA

Ataques da direita e defesa da esquerda

Tarcísio e aliados de Bolsonaro culpam PT por taxaço dos EUA. Ministros reagem

» ISRAEL MEDEIROS
» RAPHAEL PATI

A decisão do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, de impor taxas de 50% a produtos brasileiros gerou reações entre governadores da direita, principalmente de Tarcísio de Freitas (São Paulo), aliado do ex-presidente Jair Bolsonaro. Durante agenda institucional ontem, ele afirmou que o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, “deveria falar menos e trabalhar mais” e voltou a responsabilizar o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva pelo agravamento da crise diplomática.

“Acho que ele (Haddad) deve cuidar da economia. O Brasil não está indo bem, temos uma agenda fiscal relevante. Cabe a ele falar menos e trabalhar mais”, declarou o governador. Apesar da retórica crítica, Tarcísio reconheceu os efeitos econômicos da decisão americana.

Apesar da crítica, Tarcísio reconheceu os efeitos negativos da decisão americana. Segundo ele, empresas como a Embraer, que recentemente fechou contratos relevantes, serão prejudicadas. “A gente precisa, obviamente, sentar à mesa, deixar de lado ideologia, política, revanchismo e narrativas, e trabalhar”, ponderou.

O governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União), culpou a gestão petista pela crise e sugeriu a criação de uma comissão mista no Congresso Nacional para dialogar com o governo norte-americano. Para ele, a postura do governo brasileiro diante das tarifas impostas por Trump é um ataque ao presidente dos Estados Unidos.

“Com as medidas tomadas pelo governo americano, Lula e sua entourage tentam vender a tese da invasão da soberania do Brasil. Mas Lula não representa o sentimento patriótico do nosso povo, e muito menos tem credenciais para defender a soberania brasileira”, declarou por meio das redes sociais.

Apesar de também culpar o Executivo, o governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo),

Encontro em churrascaria

Reprodução/redes sociais



O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL-RJ) e o governador de São Paulo Tarcísio de Freitas (Republicanos) estiveram juntos, ontem, para um almoço em uma churrascaria, na região de Vicente Pires, Distrito Federal. O encontro foi publicado nas redes sociais do ex-chefe do Planalto. Nas imagens replicadas na internet, eles também aparecem tirando fotos

e cumprimentando apoiadores. Essa é a primeira agenda do político após o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciar que as exportações de produtos do Brasil para os EUA serão taxadas em 50%. No início do mês, Bolsonaro havia cancelado todos os seus compromissos por questões de saúde e afirmou que permaneceria em casa de repouso.

também criticou a decisão de Donald Trump de sobretaxar os produtos brasileiros em 50%. “As provocações e intromissões de Lula em assuntos dos Estados Unidos são lamentáveis, mas esses erros e essas injustiças não devem ser consertadas com mais injustiça e erro. A taxaço imposta pelo presidente Trump a produtos brasileiros é uma medida errada e injusta — e precisa, sim, ser revista”, afirmou.

No Sul, o governador Ratinho Jr. (PSD-PR) se calou sobre o tarifaço. Jorginho Mello (PL-SC), que na segunda-feira também havia elogiado o posicionamento de Trump sobre Bolsonaro, também evitou falar sobre o assunto. Outros aliados de Bolsonaro, como Ibaneis Rocha (MDB-DF) e Cláudio Castro (PL-RJ), não se posicionaram.

Ministros defendem Lula

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, comentou, ontem, sobre a sobretaxação. O chefe da pasta considerou a medida como “eminentemente política” e que não haveria racionalidade econômica para colocá-la em prática, citando o superávit recente dos norte-americanos com o Brasil.

“Como todos sabem, é superávitário em relação à América do Sul, como um todo, e ao Brasil também. Nos últimos 15 anos, nós tivemos um déficit de bens e serviços de mais de US\$ 400 bilhões com os EUA. Então, não há racionalidade econômica na medida que foi adotada”, defendeu o ministro, em entrevista ao canal de mídia independente Barão de Itararé.

Segundo ele, a situação é

considerada insustentável e o Itamaraty deve conseguir reverter a situação por meio dos canais diplomáticos. “Até a extrema-direita vai ter que reconhecer, mais cedo ou mais tarde, que deu um enorme tiro no pé, porque está prejudicando o principal estado do país, justamente o estado de São Paulo”, argumentou.

A ministra de Relações Institucionais, Gleisi Hoffmann, também criticou Tarcísio. Ela disse que “quem está colocando ideologia acima dos interesses do país” é o governador de São Paulo. Ela acusou ele e a direita de serem “todos os cúmplices” do ex-presidente Jair Bolsonaro. “Pensam apenas no proveito político que esperam tirar da chantagem do presidente dos EUA, porque nunca se importaram de verdade com o país e o povo”, declarou em seu perfil no X.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Impacto negativo do tarifaço de Trump pôs a oposição na defensiva

Não durou 24 horas a euforia da oposição com o apoio dado ao ex-presidente Jair Bolsonaro pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que atacou o Supremo Tribunal Federal (STF) por causa do julgamento do ex-chefe do Planalto, e impôs uma tarifa de mais 50% sobre os produtos brasileiros em retaliação ao governo de Luiz Inácio Lula da Silva, por sua atuação nos Brics. A repercussão foi muito negativa, inclusive, para o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), que havia responsabilizado o PT pela decisão absurda e sem precedentes do norte-americano.

A reação formal do governo a Trump ocorreu em nível diplomático, a carta foi devolvida, e no plano político, com o presidente Lula refutando suas alegações em nota oficial firme, porém, moderada. Nas redes sociais, entretanto, houve uma forte mobilização política dos brasileiros, que criticaram Trump no seu próprio perfil do X.

Na política interna, sobrou principalmente para Bolsonaro e Tarcísio, que apoiam incondicionalmente os EUA e tentam culpar Lula pelo tarifaço. A resposta veio na linha do secretário de Comunicação da Presidência, Sidônio Palmeira, que não deixou por menos: “Lula quer taxar os super-ricos, Bolsonaro quer taxar o Brasil”.

O governo surfou a onda da rejeição popular à decisão de Trump. Levantamento da AP Exata, feito com base em 260 mil publicações, revela que 59% criticaram a medida e cobraram uma reação do Brasil. Apenas 22% manifestaram apoio à decisão dos Estados Unidos, enquanto 18% mantiveram tom neutro, mas pediram que o governo atue com racionalidade. Entre os que discutem solução para o problema, 61% defendem acionar a Organização Mundial do Comércio. Outros 24% preferem o uso da reciprocidade de forma limitada, somente após o fracasso de negociações. Há ainda 15% que rejeitam qualquer tipo de retaliação, por temer uma escalada prejudicial à economia brasileira.

A guerra de narrativas sobre a responsabilidade de cada um na crise também está sendo prejudicial a Bolsonaro e Tarcísio, que inicialmente culpavam Lula pelo tarifaço, mas esse não é o entendimento da maioria: para 48%, a culpa é de Trump e de sua política protecionista; um terço responsabiliza a polarização brasileira entre lulismo e bolsionarismo. Somente 11% culpam exclusivamente Lula e outros 9% apontam as pressões da direita brasileira sobre os Estados Unidos como responsável pela medida.

O que era uma acusação da oposição contra Lula, a partidarização e a contaminação ideológica da política externa, voltou-se assim contra Bolsonaro, por causa da atuação de seu filho, o deputado federal licenciado Eduardo Bolsonaro (PL-SP), que está nos EUA. O parlamentar articulou as pressões da extrema-direita republicana para que Trump aplicasse sanções contra o Brasil, por causa do julgamento de seu pai. Ao anunciar o tarifaço, a Casa Branca exigiu que o STF encerre o julgamento de Jair Bolsonaro no caso da tentativa de golpe de Estado.

Sanção política

Ao agradecer publicamente a Donald Trump, Bolsonaro fomentou essa percepção e deu de bandeja a bandeira do patriotismo para Lula, o que era um monopólio da oposição. O governador de São Paulo, chamuscado, também começou a mudar sua narrativa. Admitiu que a tarifa de 50% sobre produtos brasileiros terá impacto “negativo” para São Paulo. Disse ainda que a medida do governo dos EUA é “deletéria” para o estado, porque “pega empresas importantes, como, por exemplo, a Embraer, que fechou grandes contratos recentemente”.

O governador paulista afirmou que a sua gestão já está “conversando com a embaixada” americana, mas que cabe ao governo federal estabelecer uma mesa de negociação, deixando as “questões ideológicas de lado”. Na quarta-feira, o governador disse em suas redes sociais que “a responsabilidade é de quem governa” e que “Lula colocou sua ideologia acima da economia, e esse é o resultado”. Agora, se deu conta de que o estado mais prejudicado com as sanções é São Paulo, nosso maior exportador de produtos industrializados e alimentos para os Estados Unidos.

Os principais produtos exportados para os EUA são óleos brutos e combustíveis de petróleo, produtos de ferro e aço, aeronaves, café e celulose. Os mais importados pelo Brasil são motores e máquinas não elétricos, óleos combustíveis e brutos de petróleo, aeronaves e gás natural. A balança comercial entre Brasil e EUA ficou positiva para os americanos em cerca de US\$ 300 milhões, pois compraram US\$ 40,4 bilhões em produtos do Brasil (12% das exportações brasileiras) e nos venderam US\$ 40,7 bilhões (15,5% das importações do Brasil).

A taxa determinada para o Brasil é a maior anunciada pelo presidente Trump. Entre os países já notificados, estão Japão e Coreia do Sul, ameaçados com uma tarifa extra de 25%. Trump também apresentou na segunda-feira planos para uma tarifa de 40% sobre produtos de Mianmar e Laos, de 36% sobre o comércio de Tailândia e Camboja, de 35% sobre produtos da Sérvia e Bangladesh, de 32% sobre a Indonésia, de 30% sobre itens da África do Sul e de 25% sobre Malásia e Tunísia. As Filipinas terão uma tarifa de 20%. Entretanto, todas as decisões fora de natureza econômica. O tarifaço aplicado ao Brasil é uma sanção de natureza política.

» Entrevista | NELSINHO TRAD | SENADOR

“Resposta virá do restabelecimento da confiança”

» ALÍCIA BERNARDES*

O Congresso Nacional prepara suas ações para a crise diplomática entre Brasil e Estados Unidos — que tem como pano de fundo a situação judicial do ex-presidente Jair Bolsonaro. O presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado, Nelsinho Trad (PSD-MS), afirmou que o colegiado prepara uma missão institucional a Washington, com apoio do vice-presidente Geraldo Alckmin, para dialogar diretamente com o parlamento norte-americano. O objetivo é evitar prejuízos ao setor produtivo diante da decisão dos presidentes dos EUA, Donald Trump, de sobretaxar os produtos brasileiros em 50%. “É preciso deixar claro: essas são medidas de contenção. A resposta definitiva virá do restabelecimento da confiança internacional no Brasil”, disse Nelsinho ao Correio.

Roque de Sá/Agência Senado



As relações comerciais precisam ser construídas com base em previsibilidade e confiança mútua. O Brasil tem um papel estratégico na economia global”

separar divergências políticas internas da condução da política externa e comercial. As diferenças políticas entre os países devem ser tratadas com serenidade pela política externa, buscando preservar o que Brasil e EUA construíram ao longo de mais de dois séculos de parceria.

A carta enviada por Trump ao presidente Lula menciona o julgamento de Jair Bolsonaro. O senhor considera que essa taxaço tem um viés político?

Existe, sim, um componente

político, mas o Brasil precisa resenhar com equilíbrio e foco nos resultados. Não podemos permitir que disputas internas comprometam a credibilidade do país como parceiro comercial. É hora de proteger empregos, investimentos e exportações com responsabilidade, sem ampliar tensões desnecessárias.

O senhor mencionou que a diplomacia falará a principal resposta do Senado. Qual será o foco dos encontros

em Washington?

A proposta surgiu em conversa com o encarregado de negócios dos EUA e já conta com apoio do vice-presidente Geraldo Alckmin. Nosso foco será técnico e institucional. Vamos mostrar aos parlamentares americanos que o Brasil é parceiro confiável nas cadeias globais de alimentos, energia e tecnologia. O objetivo é construir pontes, reforçar a confiança e garantir que decisões políticas não prejudiquem setores produtivos que geram riqueza para ambos os países. Também convoquei uma reunião extraordinária da Comissão de Relações Exteriores com o Itamaraty e o MDIC para alinharmos uma estratégia nacional.

Há algum plano emergencial sendo discutido no Congresso para mitigar os efeitos econômicos dessa medida nos estados exportadores?

Sim. Desde o anúncio do aumento das tarifas, coordenamos ações emergenciais como ampliação de crédito à exportação, instrumentos de proteção cambial e suporte técnico às cadeias produtivas mais afetadas. Mas é preciso deixar claro: essas são medidas de contenção. A resposta definitiva virá do restabelecimento da confiança internacional no Brasil — e isso só acontece quando o país transmite previsibilidade e segurança nas decisões.

* Estagiária sob a supervisão de Luana Patriolino